3. O Bem-Estar Subjetivo de Adolescentes em Acolhimento Familiar e Acolhimento Residencial em Portugal.

Paulo Delgado, InED - Centro de Investigação e Inovação em Educação, Escola Superior de Educação do Porto, pdelgado@ese.ipp.pt
João M. S. Carvalho, CICS.NOVA.UMinho; InED - Centro de Investigação e Inovação em Educação, Escola Superior de Educação do Porto; UNICES-University Institute of Maia,
Maia Fátima Correia, InED - Centro de Investigação e Inovação em Educação, Escola Superior de Educação do Porto

Palabras clave

Adolescentes, Bem-estar subjetivo, Acolhimento familiar, Acolhimento residencial, Portugal.

Introducción

O conceito de bem-estar subjetivo envolve várias dimensões da pessoa e relaciona-se com aquilo que cada pessoa pensa, avalia e sente sobre a sua própria vida (Silva, Matos & Diniz, 2010). Esta perceção pessoal pode ser feita a partir de uma avaliação cognitiva, que resulta de juízos relativos à satisfação com a vida, e de uma componente afetiva, correspondente às reações emocionais, que se associam ao conceito de felicidade (Galinha, 2008). Deste modo, o bem-estar subjetivo é uma componente essencial da qualidade e da satisfação com a vida (Casas, 2015).Vários estudos demonstram que, embora o bem-estar subjetivo seja um processo individual, existe uma correlação positiva entre bem-estar subjetivo e o contexto interpessoal, social e familiar (Lee e Yoo, 2015). A existência de uma rede social de apoio funciona como fator de proteção para os indivíduos, o que se torna especialmente significativo nas crianças em situações de vulnerabilidade social. A existência de interações sociais e afetivas mais amplas reforçam a capacidade para as crianças enfrentarem situações de vida adversas, como a institucionalização. Em Portugal, em 2017, havia 7.553 crianças acolhidas, das quais apenas 3% estavam em famílias de acolhimento. Além disso, deve-se notar que apenas 18 das 885 crianças acolhidas, com menos de 6 anos de idade, estavam em acolhimento familiar, representando apenas 2% desta faixa etária (Instituto da Segurança Social, 2018). Nos últimos dez anos, de 2008 a 2017, e apesar de uma redução de quase 25% no número total de crianças internadas em instituições de acolhimento, a institucionalização aumentou em termos relativos quando comparada com o acolhimento familiar. No que se refere à comparação entre o nível de bem-estar das crianças que vivem em acolhimento familiar com aquelas que vivem em acolhimento residencial, têm sido realizados recentemente estudos que demonstram que as primeiras percecionam um maior nível de bem-estar subjetivo num conjunto de domínios da sua vida, como educação, saúde, relações sociais, e ocupação do tempo livre (Delgado, Oliveira, Carvalho, Correia & Campos, 2019). As crianças em situação de acolhimento residencial poderão vivenciar situações de instabilidade, como a mudança de instituição e consequentemente de escola, alterações nas suas saídas com os amigos ou ao nível das suas atividades de tempo livre (Llosada-Gistau, Casas & Montserrat, 2017).

Objetivo(s)

Neste trabalho, procuramos compreender e comparar a influência no bem-estar subjetivo das crianças de fatores como a relação com familiares, educadores e com os amigos, as atividades desenvolvidas na escola e fora da escola, e o modo como se autoavaliam, em três grupos: crianças que vivem na população geral, em acolhimento residencial e em acolhimento familiar.

Metodología

A população do estudo foi composta por crianças na população em geral e em acolhimento com idades compreendidas entre os 11 e os 15 anos. Os dados foram obtidos através da aplicação do questionário International Survey of Children's Wells (ISCWeB; www. isciweb.org), que foi adaptado e pré-testado em crianças portuguesas, e incluiu 5 medidas de Bem-Estar Subjetivo: o PWI-SC - Personal Well-being Index-School Children; o SLSS - Student Life Satisfaction Scale; o OLS - Overall Life Satisfaction Scale; o GDSI - General Domain Satisfaction Index; e o BMSLSS - Brief Multidimensional Students' Life Satisfaction Scale.O questionário foi aplicado numa amostra representativa de 238 crianças da população geral, obtida em escolas de grandes, médias e pequenas cidades. A amostra de crianças em acolhimento residencial teve 145 respondentes. Esta amostra foi obtida escolhendo aleatoriamente residências em quatro distritos portugueses onde se concentram a maioria das crianças em acolhimento familiar. A amostra de crianças em acolhimento familiar incluiu todas as crianças (44) colocadas nos mesmos quatro distritos. Cinco dessas crianças têm grandes deficiências, sendo incapazes de responder ao questionário. Assim, restaram 39 crianças nesta amostra.

Resultados

Os dados obtidos permitem concluir que o nível de BES das crianças em acolhimento familiar é semelhante ao das crianças que vivem com as suas famílias na população em geral, ao contrário das crianças acolhidas em casas de acolhimento, que apresentam índices de BES significativamente inferiores aos dos dois grupos anteriores, conforme se constata no quadro seguinte:

BES (média)	A. Residencial	A Familiar	População Geral
A tua casa	7,65	9,13	9,45
As coisas que tens	8,00	9,10	9,65
Os teus amigos e outras pessoas	7,68	8,58	9,04
A zona onde moras / vizinhança	6,94	8,39	8,46
Saúde	8,61	9,54	9,49
Como usas o tempo	7,59	8,88	9,11
Escola	6,97	7,87	8,30
Como te sentes contigo próprio/a	7,51	8,46	8,99
Total	7,61	8,69	9,05

Estes resultados coincidem com os estudos desenvolvidos por Llosada-Gistau et al. (2017). Sublinhe-se ainda que, apesar do BES de crianças em acolhimento familiar ser menor que o de seus pares na população geral, essa diferença não é estatisticamente significativa. Ou seja,

o bem-estar das crianças em acolhimento familiar é mais parecido com o de seus pares na população geral, o que sugere que o ambiente residencial não é capaz de compensar a situação de vulnerabilidade que essas crianças têm em comparação com o que pode ser obtido num ambiente familiar. As crianças que vivem com a sua família na população em geral, ou numa família de acolhimento, apresentam uma relação com os acolhedores muito mais rica nas possibilidades de participação e na partilha de momentos de diversão e de aprendizagem. A relação pouco diferenciada, o rácio de profissionais por criança acolhida, as taxas de rotação dos profissionais e a existências de vários turnos podem ajudar a explicar os dados recolhidos (Rodrigues, Barbosa-Ducharne & Del Valle, 2013). Como observam Jackson e Cameron (2014), a integração e o percurso escolar são dimensões essenciais na vida das crianças e jovens, pelo impacto que têm no desenvolvimento pessoal e cognitivo e no relacionamento social. De um modo geral, as crianças dos três grupos gostam de ir à escola e sentem-se escutadas pelos seus professores. Todavia, os resultados obtidos revelam resultados particularmente preocupantes no grupo de crianças em acolhimento residencial: são as exprimem um maior grau de insegurança e de exclusão. Essa necessidade de atenção individualizada, inclusive no que diz respeito à evolução da aprendizagem e ao relacionamento com os professores, encontra-se assegurado no acolhimento familiar, à semelhança do que sucede na população geral, mas falha no acolhimento residencial, provavelmente em função de um modo de atuação mais uniformizado, menos sensível ou disponível para a relação com a escola, e mais marcada pela ausência de tempo útil para cuidar de cada caso (Melendro, Montserrat, Iglesias & Cruz, 2016;). A autoavaliação que as crianças realizam nos três grupos é, provavelmente, o culminar lógico da perceção que manifestaram sobre o BES nas diversas dimensões analisadas neste estudo. Menor autoestima, menor participação nas decisões que tomam sobre a forma como passam o tempo, maior incerteza em relação ao rumo das suas vidas e ao futuro, e maior sensação de solidão nas crianças acolhidas em casas de acolhimento. Crianças esquecidas, que passam demasiado tempo da sua infância e adolescência num contexto institucional, e que exprimem, como refletem as respostas recolhidas, uma enorme preocupação relativamente ao seu futuro.

Conclusiones

É essencial e urgente desenvolver programas de acolhimento familiar que proporcionem a um número crescente de crianças a possibilidade de crescerem num ambiente familiar, e requalificar as casas de acolhimento residencial em Portugal. Este processo deve começar desde logo pelas 885 crianças e bebés com menos de 6 anos de idade que se encontram atualmente institucionalizadas, oferecendo-lhes a possibilidade de crescerem numa ambiente familiar, mais adequado ao seu bem-estar e qualidade de vida. É igualmente necessário desenvolver no contexto residencial um trabalho para aumentar a autoestima e a autoconfiança, que permitam às crianças e jovens acolhidos participar ativamente na construção do seu projeto de vida e terem melhores expectativas quanto ao seu futuro.

Referencias

Casas, F. (2015). Bienestar material y bienestar subjetivo. In G. Castro (coord.), Educo. *El bien estar, uma conversación actual de la humanidad* (pp. 18-34). Barcelona: Icaria Editorial.

Delgado, P., Oliveira, J., Carvalho, J., Correia, F., Campos, P. (2019). O papel da família no bem-estar subjetivo das crianças. Libro de Comunicaciones Completas y Conclusiones do Congreso Internacional SIPS: "Pedagogía social, investigación y familias" XXXI Seminario Interuniversitario de Pedagogía Social (pp. 7-20). Maiorca: Grup d'Investigació i Formació Educativa i Social Universitat de les Illes Balears.

Galinha, I. (2008). *Bem-estar subjectivo: factores cognitivos, afectivos e contextuais*. Coimbra: Quarteto Editora.

Instituto da Segurança Social, I.P. (2018). CASA 2017 - *Caracterização anual da situação de acolhimento das crianças e joven*s. Lisboa: Instituto da Segurança Social.

Jackson, S. & Cameron, C. (Ed) (2014). *Improving access to further and higher education for young people in public care. European policy and practice*. London: Jessica Kingsley Publishers

Lee, B., Yoo, M. (2015). Family, school, and community correlates of children's subjective well-being: An international comparative study. *Child Indicators Research*, 8 (1), 151–175. https://doi.org/10.1007/s12187-014-9285-z

Llosada-Gistau, J., Casas, F., & Montserrat, C. (2017). What Matters in for the Subjective Well-Being of Children in Care? *Child Indicators Research*, 10, 735-760, https://doi.org/10.1007/s12187-016-9405-z

Melendro, M., Montserrat, C., Iglesias, A. & Cruz, L. (2016). Effective social education of exclusion: contributions from social pedagogy. *European Journal of Social Work*, 19, 931-945, https://doi.org/10.1080/13691457.2015.1082982

Rodrigues, S., Barbosa-Ducharne, M., & Del Valle, J. (2013). The quality of Residential Child Care in Portugal and the Example of its Development in Spain. *Papeles del Psicólogo*, 34 (1), 11-22.

Silva, A.; Matos, M.; Diniz, J. (2010). Escola e bem-estar. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*. Lisboa, 1, 117-140.